

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1083	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
	36 n.ºs	18 n.ºs	6 n.ºs	entrega		
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	640	120	30 de Janeiro de 1909	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	640	120		
Extrangeiro India.....	5\$000	2\$500	640	120		



ESTATUA DE FERNANDES THOMAZ
PARA O MONUMENTO, NA FIGUEIRA DA FOZ

Escultura do sr. Fernandes de Sá

CHRONICA OCCIDENTAL

O velho adagio que dizia «devagar, que tenho pressa», já não quer dizer hoje coisa alguma.

Premeditação e prudencia são condições essenciaes e preliminares de qualquer empreza séria, mas hoje em dia ninguem tem espaço para reflectir e todos se precipitam vertiginosamente na ancia febril de chegar primeiro, antes que os outros tomem o logar ambicionado. O homem, salvo seja, é o cavallo amestrado dos hipodromos. O seu jockey, o seu guia, o seu alvo, é o desejo infrene de alcançar a pista e de obter o premio grande.

O que se dá com os individuos, dá-se exactamente com as nações. A concorrência internacio-

nal é cada vez mais temerosa, pois os que ficam estacionarios sujeitam-se a ser a ponte de passagem dos mais audazes e resolutos. As nações mais poderosas, se esquecem por um momento este principio, se o deixam de pôr em pratica com inquebrantavel perseverança, soffrem por igual as consequencias do seu desleixo. Caminhar! Caminhar! é a divisa dos fortes, e esta divisa tanto deve ser adótada no tempo de paz como no tempo de guerra.

Uma das causas que mais contribuíram para os desastres monumentaes da Russia na campanha da Mandchuria, foi a sua grande inação, e não poder concentrar de repente os seus recursos bellicos. O exercito russo, pelo menos no papel, atinge cifras considerabilissimas, mas está derramado por um territorio immenso e só com difficuldade e grande dispendio pôde convergir para

um ponto dado. E' certo que a Russia trabalhou afanosamente na construção do Transiberiano, mas a sua rede geral dos caminhos de ferro ainda está longe de ser completa e perfeita, e por isso a mobilisação do exercito não se pôde effectuar com aquella rapidez que exige a tactica moderna. O Japão, com a celeridade e precisão mathematica dos seus movimentos, comprovou mais uma vez as doutrinas de Napoleão, seguidas com tão brilhante exito pelos prussianos nas campanhas contra a Austria e contra a França.

De todos os progressos materiaes realizados ha um seculo a esta parte depois da descoberta da machina a vapor e da electricidade, a viação accelerada, tanto terrestre como maritima, pôde contar-se na vanguarda de todas.

Que differença do velho carroção pesado, moroso, incomodo, inimigo irreconciliavel do osso sacro e do costado humano, ao elegante carro americano de Stephenson, do eléctrico e do automovel! Que differença da jangada archaica ou primitiva e do trirreme grego e romano até aos veleiros de ha cem annos ainda e ao moderno vapor, tão rapido, seguro e confortavel, arrebatando-nos atravez do vasto oceano sob o propulsar da sua helice poderosa!

A preocupação da velocidade, caracteristica do genio inventivo do seculo XIX, no qual se adiantaram invenções verdadeiramente revolucionarias dos nossos habitos e ideias, adquire já neste prin-



ASPETO DA MESMA ESTATUA DE PERFIL

cipio de seculo em que vivemos um cunho de neovrose.

Esta imaginosa precipitação é quasi monomaniaca e sente-se na velocidade espantosa dos grandes expressos, na vertiginosa corrida dos automoveis, na celeridade inesperada das motocicletas, nas carreiras dos tramways eléctricos.

Não nos contentando com a pressa de andar a vapor procuramos ir mais depressa por electricidade; não parecendo já bastante expeditos o telegrafo e o telefone, que em verdade tem interrupções quisilentas, os inventores combinam os dois sistemas e permitem-nos falar pelo telegrafo, reproduzir a distancia consideravel o nosso pensamento falando direito ao ouvido do nosso interlocutor. Ainda mais: os aperfeiçoamentos incessantes da telegrafia (não falando já da telegrafia sem fio), vão até transmitir letra por letra o que queremos escrever.

Os transatlanticos operaram a mais profunda revolução na travessia do mar. Hoje, a navegação do oceano é quasi um passeio recreativo, uma digressão elegante e de hygiene. Os grandes naufragios são muito menos frequentes, e na historia tragico-maritima dos nossos dias raras vezes se vê fluctuante a jangada de Medusa. A pirataria, a vida aventureira dos corsarios acabou, e já não é preciso que a Ordem da Santissima Trindade vá redimir a Argel os infelizes cativos.

Em terra os desastres parecem mais frequentes e talvez haja menos segurança, mas isto é devido em grande numero de casos ao excesso de movimento nos transportes e á falta de zelo de quem dirige o serviço.

O automobilismo, cantando victoria sobre a navegação aerea, parece ser o tipo ideal em todos os sentidos da viação acelerada. Apresenta ainda imperfeições notaveis, mas é de crêr que não tarde a corrigir os seus defeitos e que, sendo já o modelo da velocidade, seja tambem um modelo de comodidade e de barateza.

A viação acelerada não se limita a exercer o seu prestimo a grandes distancias, entre pontos extremos. Nas cidades desempenha ella um papel de primeira ordem, podendo considerar-se como um dos mais notaveis factores sociaes.

É incontestavel que a metamorfóse experimentada por Lisboa nestes ultimos vinte annos se deve quasi exclusivamente á facilidade e rapidez dos seus meios de transporte.

Não são desconhecidos os perigos e inconveniencia da viação acelerada, mas avolumal-os só é proprio dos espiritos rotineiros e injustos. Comparando os perigos com as vantagens, é incontestavel que o saldo favoravel se inclina para estas. O uso dos transportes para nos conduzir a qualquer parte da cidade tornou-se quasi inevitavel e até as classes mais acentuadamente populares enchem os diversos vehiculos. Este uso demasiado frequente, ou antes abuso, traz fatalmente consigo consequencias anti-higienicas. Os passeios a pé são exercicio indispensavel para a saude e não se deve de modo nenhum pôr de parte tão rudimentar preceito da hygiene.

Mas, não é sómente sob este ponto de vista, que deve ser encarado o problema da viação acelerada: é tambem, e muito principalmente, sob o ponto de vista economico. Não ha duvida que a vida em Lisboa se facilitou, mas não ha duvida tambem que se tornou muito mais dispendiosa. Muitas familias vão viver para pontos excéntricos, pagando rendas mais baratas, mas não tardam a reconhecer que o seu orçamento se desequilibrou com as despesas dos carros. O preço de transporte para diversos sitios, mesmo entre diversos pontos da cidade, é excessivo, não só em absoluto, mas comparativamente falando.

Lisboa, pelo seu acidentado terreno, pela irregularidade e estreiteza dos seus antigos bairros, torna custosa a construção de linhas, e d'aqui resulta que o publico tem de pagar com lingua de palmo as despesas da instalação. As duas encostas da cidade que deitam sobre a Baixa e sobre o valle da Avenida, não pôdem ser ligadas entre si senão por meio de pontes gigantescas que sirvam, além do seu fim utilitario, para lhes dar um aspecto caracteristico e monumental.

As nossas ruas estreitas não justificam de certo o emprego exclusivo dos condutores aereos para a transmissão da energia eléctrica, sendo naturalmente indicado o sistema mixto de condutores aereos e subterraneos como o mais adequado ás condições em que se encontram os arruamentos. Sob o ponto de vista estético, não se enriqueceu tambem a cidade com o emaranhado dos fios, que em muitos locais atingem o aspéto de verdadeiras rédes, em outros o de enxugadouros. Não é menos certo que os acanhados passeios das principaes ruas commerciaes, reservados ao transito dos peões, foram prejudicados com o peja-

mento á circulação que lhes resulta de terem sido destinados a alicerces das desgraçadas columnas a que se prendem os fios da réde. Mas é grande verdade, tambem, que o regimen da tração eléctrica fez esquecer em absoluto, e com incontestavel satisfação dos habitantes de Lisboa, o antigo regimen das mulas dos americanos, dos solavancos dos Ripert, das mólas desconjuntadas do Jacinto, do Florindo, do Salazar e da Luzitana...

E hoje, a vista de algumas dessas já raras carriolas, que ainda se arrastam pelas ruas da cidade, a todos oferece um contraste deploravel a par do carro eléctrico, tão comodo e veloz...

Do que pedimos desculpa ao Sr. Luiz Filipe da Matta!

JOÃO PRUDENCIO.

A estatua de Fernandes Thomaz

ESCUPTURA DE FERNANDES DE SÁ

Por iniciativa de uma comissão de patriotas vae erigir-se, na Figueira da Foz, um monumento a Manuel Fernandes Thomaz, que ali nasceu no anno de 1771 e que fez, com Silva Carvalho e outros, a revolução do Porto de 24 de agosto de 1820, um dos do governo da junta provisoria do governo supremo do reino, eleito deputado nas celebres côrtes de 1820, que foram as percursoras do governo liberal.

Conhecido é o papel proeminente que Fernandes Thomaz desempenhou no movimento liberal em nosso país e quanto elle sofreu por seu ideal, avantajando-se aos que partilhavam com elle das mesmas ideias.

A sua vida é de luta, acidentada de conflitos e perseguições, e é um desses lances violentos, em que lhe foi intimada uma ordem de prisão, que o autor da estatua, sr. Fernandes de Sá, escolheu para representar o grande tribuno.

Se outras obras do já notavel escultor portuense, não demonstrassem seus talentos, teriamos agora uma afirmação irrefragavel do seu valor de artista, na concepção arrojada e livre da figura de Fernandes Thomaz, numa das situações, acaso, mais caracteristicas do energico e honrado cidadão que pleiteou pela liberdade da sua patria.

É rasgada e expressiva a attitude da figura, saindo das convenções classicas do geral de estatuas destinadas a monumentos, na sujeição severa de uma gravidade imposta, dentro dos limites da perpendicular, perfilada e cortez, ou quando muito, comodamente sentada e indolente, recebendo a contemplação publica.

Como se vê, a estatua de Fernandes Thomaz não tem nada desse convencionalismo, e dá nos a impressão real da vida agitada do heroe, na sua attitude nervosa, excitada, arrogante, que exprime bem pelo gesto toda a energia de seu austero caracter.

Fernandes de Sá deve estar satisfeito com a sua obra; satisfeita fica a arte com esta criação do talentoso artista.

O barro obedeceu ao que o escultor tinha em mente alcançar delle; o bronze firmará mais duradouramente a sua obra.

A estatua já se está fundindo nas oficinas do Arsenal do Exército, o que ainda gastará alguns mezes, porque a operação é demorada e melindrosa para sahir perfeita, e quando concluida se elevar em pedestal a figura de Fernandes Thomaz, ella será saudada com tanto ou mais entusiasmo, como outrora as multidões aclamaram o grande patriota, que ali o vêem representado na realidade das cousas humanas.

Exposição dos trabalhos dos alumnos da Academia de Bellas Artes de Lisboa e pensionistas no estrangeiro

Abriu a publico no dia 23 do corrente esta exposição, onde figuram os trabalhos dos alumnos da Academia, dos cursos de escultura, de pintura historica, paisagem e desenho, assim como dos pensionistas do Estado e do legado Valmor, no estrangeiro.

Em escultura são numerosos os estudos apresentados, a maior parte copias e de original destacam-se duas estatuas: o *Crepusculo* e a *Cigarra* do sr. Francisco dos Santos, pensionista do

legado Valmor. Qualquer dos modelos escolhidos pelo estudante para os seus estudos pareceu-nos ser infeliz, o primeiro por demasiado nutrido e baixo, de pernas curtas, pouco proporcionado e de desagradavel aspeto por extremamente redondo; o segundo, de uma rapariga, púbere, e demasiado esqueletica, dominando a ossatura, deselegante de formas, e não agradando tambem á vista.

Hoje parece querer dominar nas escolas os modelos tuberculosos, nervosos, ou como lhe queiram chamar, mas que em verdade são a negação da arte, que deve ser bella, inspirando-se nas belezas da natureza, e não preferindo as aberrações, um mal entendido do realismo, e que só é admissivel em certos casos, conforme ao assunto que se trata.

Na pintura historica, nada encontramos que nos detesse; apenas estudos de figuras do nu, alguns bem observados e corretamente desenhados, mas muito convencionaes na factura, parecendo todos pintados pelo mesma paleta e pelas mesmas mãos, sem individualidade e com alguns erros de perspectiva nos escorsos.

O pensionista do legado Valmor, sr. Adriano de Sousa Lopes, apresentou um quadro, *Ordinas*, que pôde ser uma promessa, mas em que ha muito a corrigir, quer na composição, quer no desenho, quer na pintura, que por mais distante que se observe, não tem a magia que nos dá a visão do natural.

O sr. Arthur Cardoso, pensionista do Estado, expõe um grande quadro de paisagem e figura, representando um *Dia de festa em Pont-Abbé*. Este quadro tem qualidades apreciaveis de composição, de côr e de colorido, um tanto exagerado; é bem respeitada a perspectiva, e ainda que abundante de tinta, deve iludir bem a vista collocado em ampla galeria onde haja sufficiente distancia para o vêr.

Pareceu-nos ser esta a melhor obra que se vê na exposição.

No concurso ao premio Annuniação, destacam-se uns estudos de vacas, mas o que mais nos agradou foi o quadro do sr. J. Campas, representando uma estrada por onde caminham umas vacas com seu bezerrinho e vaqueiro, que é um belo trecho de paisagem e estudo de animaes.

E em paisagem é tudo que ha para vêr, pois os restantes estudos estão longe de satisfazer aos menos exigentes.

Observámos um quadrinho do sr. H. Franco, que representa um cavallo, que mereceu com justiça o premio Annuniação.

Os srs. Nogueira Junior, Rodrigues Pereira e J. P. Coelho, apresentaram varios projetos de arquitetura apreciaveis, e só é pena não os vêr executados.

Literatura Portuguesa

AS TRES JOIAS

Ha na literatura portugueza tres joias inestimaveis, cujo valor excede toda a riqueza das joias literarias estrangeiras. São tres sonetos trabalhados por mãos de genios, burilados com Amor e Sciencia. Estão nelles irmanados com extrema perfeição os dois elementos d'Arte: — Idéa e Fôrma. Os *modernistas* consideram apenas como indispensavel e bastante a Fôrma; a Idéa é coisa secundaria. A realização em Arte destes dois elementos, ao mesmo tempo vivos e sentidos e ao mesmo tempo perfeitos, é para elles um impossivel de absurdas proporções. Para nós bem possivel é, e aqui temos modelos tão vivos como o sol de cada dia. Não queremos o estalejar de palavras bonitas; é coisa de ver uma só vez e sentir nenhuma. Queremos o revoltear das Idéas acompanhado pela mão da Arte; só assim a Poesia terá condições de vida, só assim será lida e relida com a mesma emoção da primeira leitura. A nossa opinião — se nos é permitida na livre discussão universal, — é esta: — Os privilegios da Idéa e da Fôrma são matematicamente eguaes.

Os tres sonetos da nossa lingua são modélos perfeitos. Depois de nos darem a nota precisa do nosso sentimentalismo, dão-nos a revelação de tres genios e uma fórmula viva e fecunda da Arte poetica futura.

SONETO

Alma minha gentil que te partiste,
Tão cedo desta vida descontente;
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste!

Se lá no assento ethereo onde subiste,
Memoria desta vida se consente
Não te esqueças daquelle amor ardente
Que já nos meus olhos tão puro viste.

E se vires que pôde merecer-te
Alguma coisa da dôr que me ficou
De magua, sem remedio, de perder-te,

Roga a Deus que teus annos encurtou,
Que me leve de cá tão cedo a ver-te
Quão cedo de meus olhos te levou.

LUIZ DE CAMÕES.

A VIDA

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do tumulo descendo.

Em se ella anuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo anuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que hia perdendo.

Alma gemea da minha e ingenua e pura
Como os anjos do ceo (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem bem pouco dura!

Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram...

JOÃO DE DEUS.

A MAIOR DOR HUMANA

Que immensas agonias se formaram
Sob os olhos de Deus — Sinistra hora
Em que o homem surgiu! Que negra aurora,
Que amargas condições o escravizaram!

As mãos que um filho amado amortalharam,
Erguidas buscam — Deus — A Fé implora.
E o Céu que respondeu? As mãos baixaram
Para abraçar a filha morta agóra.

Depois um pae que em treyas vae sonhando,
E apalpa as sombras d'elles onde os viu
Nascer, florir, morrer!

Desastre infando!

Ao teu abysmo, pae, não vão confortos.
E'a coração que a dôr impedreniu,
Sepulchro vivo de dois filhos mortos.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Todo o nosso maior desejo seria ouvir na bôca
de todos os que começam a entender de Poesia,
estes tres preciosos modelos. Nós sabemos-los de
côr como qualquer religiosa velhinha sabe o seu
padre-nosso

E' um evoluar-se a alma n'aquelle perfumado
ambiente de Amor e Dôr. Sentimos que os es-
creveram para nós, retratando os seus pesares
que tão bem comprehendemos.

Só sente a dôr aliêna quem uma vez chorou.
E quem ha que não sentisse uma vês a alma tor-
turada?

JOSÉ BOAVIDA PORTUGAL.

Os terremotos da Sicilia e da Calabria

Tudo leva a crer que Messina não se levantará
das ruínas, e se não ficar como Pompeia e Her-
culanum, só muito mais tarde se reconstruirá, pois
seus terrenos só passado muito tempo terão a
solidez necessaria, caso não sobrevenham novos
tremores, como, infelizmente ainda está suce-
dendo, e no dizer do padre Sechi do Observato-
rio de Roma, as perturbações scísmicas continua-
rão ali por tres annos.

Em vista disto não será prudente nem para as
vidas, nem para os capitães, persistir em habitar
e reconstruir a formosa Messina, assim transfor-
mada num sorvedouro de gente e de dinheiro
improvisamente e sem tranquillidade para seus
habitantes.

Por toda a parte Messina e Reggio apresentam
montões de ruínas, e as fotografias que ultima-
mente temos recebido o confirmam de modo de-
solador.

As que reproduzimos em o numero antecede-
nte, mostram de maneira frisante a que está
reduzida a vida naquella assolada terra, donde
o povo foge e em cada dia cahem ruínas sobre
ruínas, confrangendo considerar o espantoso nu-
mero das victimas que sob ellas ficaram sepultas,
como vêr seus belos palacios e monumentos der-
ruídos.

As gravuras que publicamos neste numero re-
produzem fotografias de dois notaveis monumen-
tos que terremotos anteriores respeitaram, mas
que este de agora destruiu. Um delles é a antiga
catedral de Messina, de puro estilo ogival que,
não obstante ter sido bastante damnificada por
um incendio no anno de 1559, fôra restaurada,
conservando se até 1783, em que o terremoto
Jaquelle anno lhe derrubou a parte superior da
sua magnifica frontaria, que depois se reconstituiu
como melhor se poude, mas agora ficou toda des-
truida, o que se vê da gravura que publicamos.

O outro, é a grande fonte monumental que se
ergue na mesma praça em frente da derruida ca-
tedral, e que tendo sido construida no anno de
1551, resistira aos varios terremotos occorridos em
Messina, para ficar agora quasi arrasada.

Esta fonte decorada de formosas esculpturas,
era orgulho dos sicilianos. Um modelo da arte
classica, obra de Fra. Giovanni Angelo Montorsoli,
discipulo do sublime Michel Angelo.

E de quantos monumentos mais ha a lamentar
a perda.

Se consolação pôde haver em tamanha cata-
strofe, é o dô que ella levou a todo o mundo civil-
lisado, e o empenho que este mostra em acudir
por todas as fórmas possiveis a minorar tão
grande desgraça.

Sobem já a algumas dezenas de milhares de
contos os socorros em dinheiro, comestiveis, rou-
pas, e tudo mais de que careçam as victimas so-
breviventes, que de todas as nações estão sendo
enviados, e estamos certos que se esses socorros
podessem restituir as vidas que ali se perderam,
e debelar completamente a dôr moral dos que
sobreviveram á catastrophe, nada mais haveria a
lamentar que os horrores porque passaram os si-
cilianos e as perdas materiaes, que deste modo se
recuperavam.

Em Portugal continua em todas as classes o
mesmo afan em reunir donativos, e são já impor-
tantes os socorros enviados, calculando-se que su-
birá a algumas dezenas de contos as quantias
subscritas, o produto de espétaculos e as esmolas
obtidas por bandos precatórios que teem havido
por todas as terras do reino e de que a imprensa
diaria vem dando conta.

Os bombeiros de Napoles fizeram um apêlo aos
seus camaradas de Portugal, para que lhe envias-
sem tambem socorros, e não ha duvida que os bom-
beiros portuguezes estão correspondendo a esse
apêlo como é proprio desta benemerita corpora-
ção.

Tambem não teem faltado na Egreja Lusitana
os sufragios pelas almas das victimas dos terre-
motos, e no dia 27 deste mez celebraram-se na
Sé de Lisboa exequias solemnes a que assistiram
Suas Magestades e o sr. Infante D. Afonso com
a côrte, ministerio e todo o alto funcionalismo
civil e militar.

Hontem tambem se celebraram solemnes ex-
equias na egreja do Loreto, da colonia italiana,
com numerosa assistencia.

A' ultima hora chega-nos uma carta de Roma,
que referindo muito do que já aqui se tem es-
crito, encontramos ainda algumas notas curiosas
que reproduzimos em seguida.

As communicações entre Messina e Reggio fic-
aram interrompidas durante quatro dias, em vir-
tude do desabamento do tunnel do caminho de
ferro marginal que as ligava e dos altos contra-
fortes de Aspromonte.

Esta circumstancia aumentou o desespero dos
calabreses, que se encontravam sem socorros.

A' grande quantidade de pessoas enlouqueci-
das pela dôr de tão horrorosas cenas, veiu jun-
tar-se os doídos que fugiram do hospital de alie-
nados, em numero de tresentos, que mais aumen-
taram a confusão.

Confirma-se a dedicação e até heroicidade com
que os reis de Italia acudiram ao logar da cata-
strofe, em socorro das victimas.

O procedimento da rainha Elena (a que já nos
referimos em o ultimo numero) principalmente,
despertou tão grande sympathia e reconhecimento,
que o governo interpretando bem a opinião pu-
blica, resolveu conferir á nobre senhora a meda-
lha de ouro do valor civico, distincção que pela
primeira vez é concedida ao sexo feminino. O im-
perador da Alemanha agraciou a mesma soberana
com a venera da Ordem de Luiza; o governo da
Republica de França com a Legião de Honra e

o imperador da Austria com a gran cruz da Or-
dem de Isabel.

As somas enviadas dos Estados Unidos da
America do Norte elevam-se a desoito milhões
de francos, além de dois milhões e meio em ma-
deira e outros materiaes para construcções, envia-
dos ainda pelo governo, com os quaes se poderão
edificar tres mil habitaçoes, enviando tambem
operarios para as construir.

Ao governo de Italia, ao Papa e á Cruz Ver-
melha foram já entregues sessenta milhões de li-
ras em dinheiro e vinte e cinco em socorros de
toda a especie.

A Italia, por emquanto, só concorreu com onze
milhões de liras.

A princeza Elena de Orleans, duqueza de Aosta,
tambem tem tratado dos feridos que fez conduzir
para o palacio de Napoles, e tomou á sua conta
muitos orfãos.

Sob este ponto ha grande confusão para se
provar a identidade dos orfãos ou que se supõe
como tal, por terem desaparecido os registos civ-
is, e muitos daquelles não saberem dizer quem
eram seus paes, como é facil de perceber, sabendo-
se que escaparam á catastrophe creanças de to-
das as edades, inclusive de peito. Não é menos
embaraçoso ainda a distribuição de haveres, fi-
xação de indemnisações e repartimento dos do-
nativos.

Os ultimos calculos sob os resultados da cata-
strofe elevam o numero de mortos a 200:000; fe-
ridos 300:00; doentes e dementados 50:000. Sob
a 3:500 o numero de orfãos, os quaes vão ficar
sob a protecção do governo italiano.

Avalia-se em 300:000 os animaes mortos, in-
cluindo gatos e cães que foi preciso matar para
não se damnarem.

Dividem se as opiniões sobre a reconstrução de
Messina e Reggio, havendo até os que propõem
que sejam bombardeadas, acabando de as arraz-
zar. Entretanto diz-se que o governo italiano
pensa em as reconstruir.

Parece-nos, porém, ainda cedo para tomar re-
solução definitiva, e a ciencia aconselhará o que
melhor entender, conforme expozemos no princi-
pio desta noticia,



Factos e homens do meu tempo

Memorias de um jornalista

POR

BRITO ARANHA

TOMO III

Eis-me pela terceira vez batendo á hospita-
leira porta do OCCIDENTE, que tão obrigante-
mente me tem sido franqueada em outras, para
com seus leitores conversar por alguns momen-
tos sobre as *Memorias de um jornalista* do
sr. Brito Aranha, a proposito de seu terceiro vo-
lume, ultimamente vindo a lume, e fazendo-o fio
bem que não será a ultima, se a vida se me pro-
longar, que a d'elle, sendo-lhe tanto o animo,
como o corpo, da mais rija tempera, e farta-
mente apercebidos para a lucta diaria da exis-
tencia, bem para crer como para desejar que
ainda dilatadamente se prolongue em bem das
letras patrias.

Na sequencia d'este meu discorrer começarei
por dizer que não pertence o sr. Brito Aranha á
escola ou seita dos que têm por chefe Frei Tho-
maz e por lemma «olha para o que elle diz e não
para o que elle faz», e que o que doutrina pela
palavra documenta-o com o exemplo.

Assim tendo sido seu conselho e incitamento
constante aos que mourejam nas letras, com di-
reito a fazel-o, o não se deterem por um só mo-
mento no seu laborioso e por vezes, e na maior
parte d'ellas, ingrato e cruciante lidar, pois
«quem pára suicida-se» (1), d'este seu conceito
tem elle dado testemunho incontestavel e incon-
trastavel durante sua vida inteira, embora «por
vezes o apavorasse o commettimento sem que
todavia perdesse inteiramente o animo para re-
agir e se empenhar em novos embates, (2).

(1) E' bem certo. Por mais levantada e apreciavel que te-
nha sido a obra eregida pelo escriptor literario, devendo ter-
lhe grangendo e assegurado foro e jus á benemerencia publica,
se para na sua faina, e deixa de chamar e prender as atenções,
como que se suicida, dando razão ao tão corrente q'isso ver-
dadeiro dizer «quem pára suicida-se».

(2) São palavras textuaes, as metidas entre asteriscos, do
sr. Brito Aranha na primeira pagina do terceiro tomo das *Me-
morias de um jornalista*.

Em tal maneira eil-o ainda, apesar de mais de cinquenta annos de ininterrupto labutar literario, na Brecha, erecto e forte, terçando suas bem temperadas armas, e assim é que em pouco mais de um anno deu á estampa tres tomos dos *Factos e homens do meu tempo. Memorias de um jornalista.*

Sobre seus dous primeiros tomos já eu emitti o meu sentir no *Ocidente*, e falta-me só fazel-o, pois, do ultimo, e d'esse bem grato encargo venho hoje desempenhar-me.

Sucedeu-me com elle o mesmo que com aquelles outros. Predeheu-me sua leitura em todo o decorrer d'elles, e deixou-me sabendo um pouco mais do que ao encetar-a, e contente e satisfeito com o aproveitamento que assim d'ella colhi, e só um tanto magoado pela duvida que o auctor formula sobre a continuação d'estas suas *Memorias*, não obstante para o fazer haver sufficientes materiaes.

Seguindo na esteira aberta no primeiro volume da obra, e continuada no segundo, o sr. Brito Aranha, passa em revista individualidades com quem manteve estreitas relações, e factos que de perto viu e alcançou, durante sua longa carreira jornalística, e na apreciação de uns e outras põe sua mais funda convicção, illuminando-os, sob o seu ponto de vista, com o criterio que por mais apropriado e justo lhes houve.

Sendo isto para mim predicado que em muito recommenda seu trabalho, pois que bem me merecem as obras em cuja factura entra, tem e occupa parte assignalada a personalidade de quem as traça e executa, ressumbrando atravez seu desdobramento, acresce-lhe em valor a narração de factos quasi desconhecidos, ou sendo-o bem pouco, aliás interessantissimos para o estudo e comprehensão de muitos



EL-REI D. CARLOS I

MEDALHÃO EM BRONZE, DO SR. PINTO DO COUTO E PELO AUTOR OFERECIDO A S. M. EL-REI D. MANUEL II

O sr. Pinto do Couto é um laureado discípulo do eminente escultor Teixeira Lopes, que concluiu o curso de escultura na Escola de Bellas Artes do Porto, com provas brilhantes que o *Ocidente* reproduziu no volume de 1907, e que vai agora para o estrangeiro aprefeçoar-se no estudo da grande arte de que são centros Paris e Roma, como toda a Italia. Com tão bons auspícios é de prever que Portugal poderá contar mais um artista notavel.

successos, dos ultimos cinquenta annos, entre nós.

Sob este aspecto ficarão constituindo as *Memorias de um jornalista* copioso e precioso repositório, em que colher noticias illustrativas dos fastos do nosso paiz durante esse periodo.

Para fazer aqui resenha, ainda que succinta, de tudo o que ha merecedor de nota no tomo de que estou escrevendo, muito teria que alongar-me, e como não quero abalancar-me a abusar da boa hospedagem que o *Ocidente* me abre, limitar-me-hei, ainda que confrangida a vontade, a dizer sobre elle *per summa capita*.

Abre o livro com capitulo epigrafado *Editores, livreiros e gravadores*, e sendo ahi commemorados muitos dos que em Portugal se tem salientado no ultimo meio seculo decorrido, como obreiros de qualquer d'esses nobres officios, especialmente o são, e com sobrada razão, Antonio Maria Pereira, pae e filho, Castro e Irmão, Nogueira da Silva e o sr Caetano Alberto, o tão estimavel quão distincto gravador e homem de letras, benemerente director e proprietario do *Ocidente*, padrao só por si bastante a consagrar-lhe a mais justa e longa nomeada.

O segundo capitulo subordinado ao titulo *No Atheneu Commercial*, sendo homenagem a este importante instituto, que marca lugar mui distincto e honroso na capital, e que de si tão excellentemente tem fructificado, é ao mesmo tempo levantada consagração dos congêneres institutos de instrucção fundados e exaltados no Rio de Janeiro por compatriotas nossos.

O terceiro capitulo inscreve-se *Sousa Neves e Santos Valente*, e referindo os devotados e isentos serviços prestados por Sousa Neves, na sua qualidade de editor, á



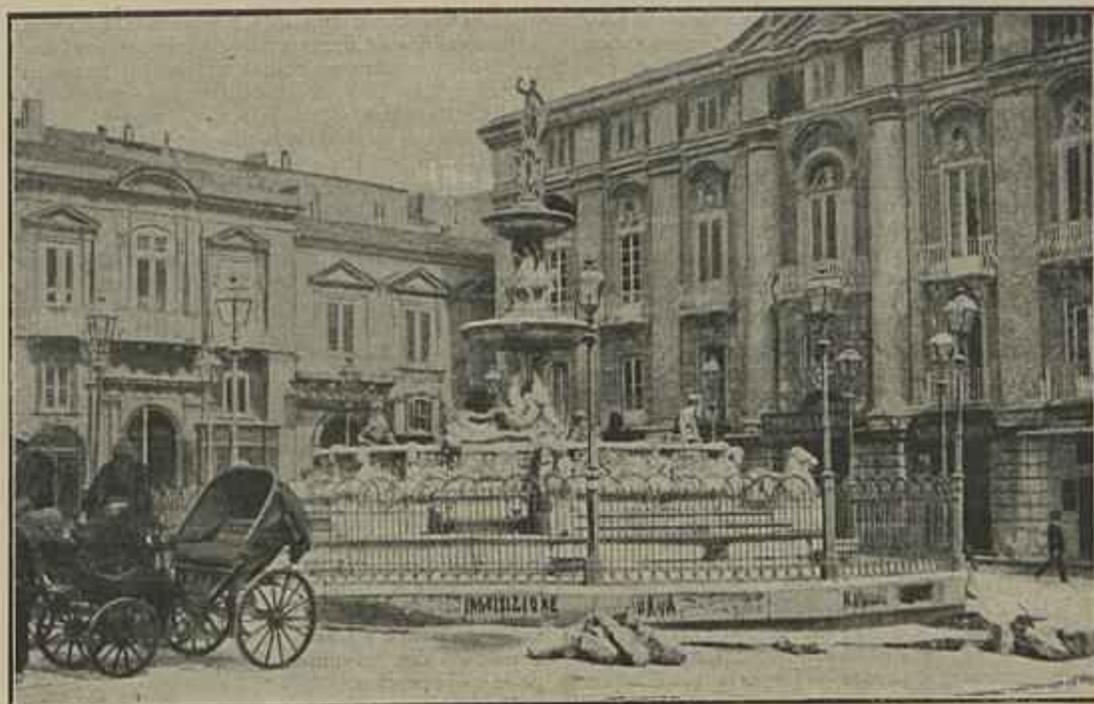
EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS DOS ALUNOS DA ACADEMIA DE BELAS-ARTES DE LISBOA E PENSIONISTAS NO ESTRANGEIRO, INAUGURADA EM 23 DO CORRENTE

Os Terremotos da Sicilia e Calabria

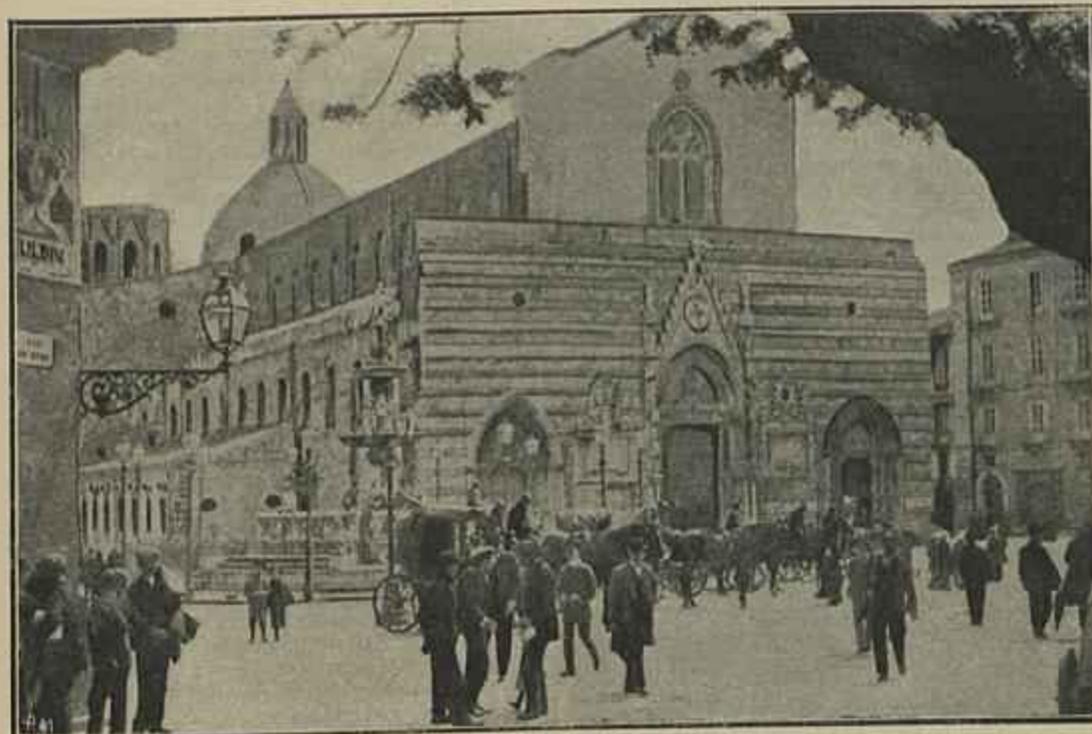
nossa literatura, e trazendo a lume a esse proposito factos inéditos nos fastos d'esta, consagra homenagem honrosíssima á memoria de Santos Valente, talento tão cultivado como modesto, de quem, meu condiscipulo na Universidade, eu muito amiúde me lembro, não só pelo que sabia e valia, mas ainda pelo contraste em que o ponho com muitos dos escrevedores d'hoje, tão ignorantes quão petulantes e vaidosos.

O quarto tem por denominação *Camonistas antigos e modernos* e como d'este enunciado bem se deduz, ahi é feita rapida referencia a todos os, mais ou menos, merecedores d'essa denominação, sendo posto á frente de todos, como de direito incontestado, o sr. dr. Carvalho Monteiro, por tantos titulos benemerito das letras. D'essa relação de camonistas se apura que a colleção feita pelo sr. Brito Aranha de edições de Camões e sobretudo de publicações a elle referentes é, por sem duvida, uma das mais curiosas e selectas. Incidentalmente faz-se n'esse capitulo referencia ao projecto do «monumento para as cinzas de Luiz de Camões», elaborado pelo insigne escultor, o sr. Antonio Alberto Nunes, e a proposito exalta-se este distinctissimo artista, auctor de tantas obras de valia, as principaes das quaes ahi mencionadas, ao posto que bem merece.

O quinto capitulo do volume é sagrado a Pinheiro Chagas, e principalmente ao atentado contra elle perpetrado alguns annos antes de sua morte, e que fortemente a influenciou.



MESSINA — FONTE MONUMENTAL DE FRA' GIOVANNI-ANGELO MONTORSOLI, ERGUIDA EM 1551 NA PRAÇA DA CATEDRAL.



A CATEDRAL DE MESSINA

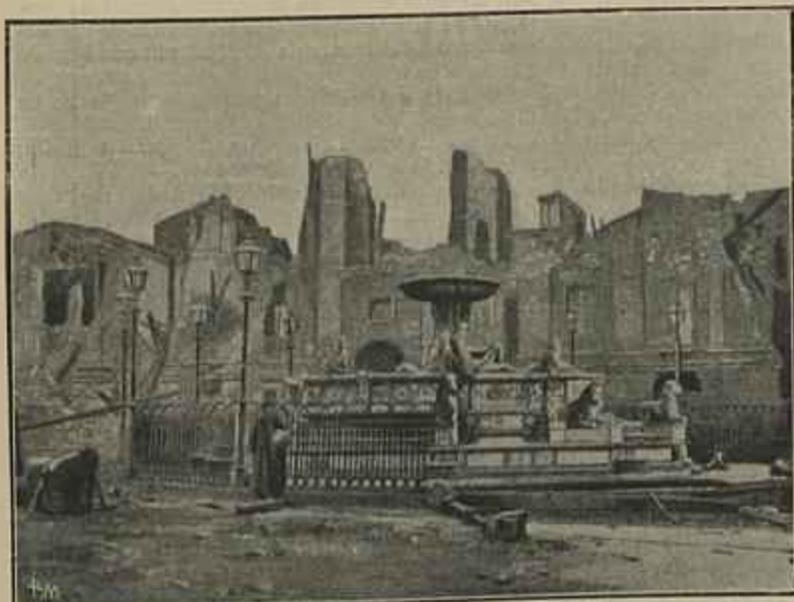
Fala-se ahi com muita afeição e devoção de Pinheiro Chagas, um dos vultos mais distinctos e sympathicos do nosso meio literario no ultimo quartel do seculo passado, e que deixando de si duradoura e aureolada nomeada, muito maior a legaria á posteridade, se os apertos da vida mais pausada e sazoadamente o deixassem trabalhar, e a morte o não houvesse colhido tão prematuramente.

O sexto capitulo inscreve-se *O actor Tasso*, e preto é comovido e com justiça architectado em recordação saudosa do que tão grandemente honrou a scena portugueza, sendo um dos seus vultos mais proeminentes, ao lado de Rosa, pae, Emilia das Neves, Delphina, Manuela Rey, a inesquecivel, e de tantos outros que enobreceram o theatro portuguez e já todos são idos.

São cheios de interesse e para registar os incidentes e episodios que a proposito do theatro, e da imprensa periodica que tamanhos pontos de contacto com elle tem, n'esse capitulo relembra e chama á tela o sr. Brito Aranha.

O capitulo setimo do tomo, dedicado a Tito de Carvalho, tão estudioso e sabedor quão pouco confiante em seus merecimentos e d'elles apregoador, emparelha bem com os precedentes e d'elles não desmerece e antes os acrescenta.

O oitavo, um dos mais captivantes e eruditos do livro, e que por seu thema lhe tem careado merecidos emboras, é subordinado á inscripção *Um livro do rei artista*, e resolve, creio o bem, nas pégadas dos entendidos, interessante caso e problema bibliographico concernente ao livro de



ESTADO DE RUINA EM QUE FICARAM OS DOIS MONUMENTOS, DEPOIS DO TERREMOTO — (De fotografias)

Horas existente na livraria particular da Casa Real, e que pertenceu a D. João III, em cujo reinado executado, sendo-o em parte, ao menos, pelo justamente celebrado Antonio de Hollanda, notabilissimo pintor e illuminador. Honra sobre maneira esse capitulo o sr. Brito Aranha, dando testemunho de seus muitos e bem amadurecidos conhecimentos bibliographicos e sagaz espirito e criterio de investigador; e sobre assim o demonstrar interessante se torna pelas circumstancias que acompanharam, e ahi são relatadas, o achado feito pelo distincto escriptor.

E' o nono capitulo referente a Urbano de Castro, cuja passagem pelo jornalismo lisbonense deixou um rasto luminoso. Pena é que ainda não houvesse, e para receiar é que jamais haja, mão piedosa que escolhesse e em volume reunisse seus mais selectos escriptos, dispersos em opusculos ou pelos jornaes. Prestaria com isso serviço ás letras patrias, sobretudo no genero humoristico em que Urbano de Castro foi notabilissimo.

O decimo e ultimo capitulo d'este terceiro tomo das *Memorias de um jornalista* é consagrado a completar o que sobre o «França do Arsenal», Ricardo José Rodrigues França ficara escripto em seu primeiro tomo. Foi o «França do Arsenal» no seu tempo, anterior ao do sr. Brito Aranha, e que só pela sua ligação com outros individuos d'este nas *Memorias* figura, homem de valia no partido liberal, e que tomou parte em luctas e successos importantes em que este interveio.

A este derradeiro capitulo segue-se no volume a transcrição de apreciações feitas na imprensa ou por cartas particulares, sobre os dous primeiros tomos das *Memorias*. Todas ellas são honrosissimas para a obra e para seu auctor.

Fecha definitivamente o livro uma «Nota Final» em que, sobre explicações bem desnecessarias para quem conhece o caracter lidimo e sem refolhos nem jactancias do sr. Brito Aranha, comprehendidas cartas dos srs. Alberto Girard, o notabilissimo homem de sciencia, Ernesto da Silva e Jeronymo da Camara Manuel, justamente encomiasticas do trabalho que constitue o oitavo capitulo d'este tomo, a proposito de sua primeira publicação no *Diario de Noticias*.

Ilustram-o os retratos de Antonio Maria Pereira, filho, Caetano Alberto, dr. Carvalho Monteiro, Pinheiro Chagas, Joaquim José Tasso, Tito de Carvalho, Urbano de Castro, França do Arsenal da Marinha, e o do proprio sr. Brito Aranha ahi trazido por suggestão, bem applaudivel, do sr. Visconde de Sanches de Frias. Tambem o exorna estampa reproduzindo o «projecto do monumento para as cinzas de Luiz de Camões», do sr. Alberto Nunes.

Fecho, e já não será sem tempo para alguém, que por milagre me leia, esta despreziosa noticia sobre o ultimo trabalho do sr. Brito Aranha de que, assim, me aparto com saudades, formulando votos bem sinceros por que a elle se sigam outros de igual indole.

21 de novembro.

RODRIGO VELLOSO.



A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XVI

SUMARIO

Desce o leitor comigo a rua de São Bento — Por onde seguia a antiga estrada — A rua da Colonia do Rato ou da Nova Colonia — Como esta nova arteria se povoou — As procições e a limpeza das ruas — Aspecto campestre do largo — A rua da Flôr da Murta e a calçada do Rato — Primordios do mercado de S. Bento — Uma visita ao curioso bazar — As pescas milagrosas — Passarinheiros, adelos e rou-pavelheiros — O Pateo do Gil — Inquire-se quem era esta personagem — Noticias curiosas sobre a sua familia — A ermida de Santo Antonio — Uma companhia edificadora no seculo xviii — O que resta da casa natalicia de Herculano — A casa do dr. Domingos Vandell — O Palacio do Desembargador Gambôa e Liz e o quartel general de Saldanha — O celebrão D. Irad da Silveira — Estmua-se a historia do Seminario dos meninos orfãos — Quem era o fundador — Sua benéfica obra — A casa do Seminario e ermida — Descreve-se o templo — Sua inauguração — A casa de Narciso Guido pae das *Manas Periquetes* — Fim desgraçado das duas irmãs — Fecha-se o capitulo mencionando a Fariña de S. Bento.

Descida a ingreme rampa da rua da Imprensa, que descae para o valle, achamo-nos na rua de São Bento. Antes, pois, de proseguirmos o caminho já encetado pela rua da Escola, façamos, o leitor e eu, uma breve digressão por este arruamento notavel sob muitos pontos de vista.

A extensissima rua que nos bons tempos dos «americanos» de muares parecia interminavel, seguia ajustadamente, aqui ha tresentos annos, a directriz da velha estrada do mesmo nome que ia ligar-se, para cima do actual largo do Rato, com a de Campolide seguindo depois de reunidas por S. João dos Bemcasas até ás Aguas Livres. Esta trajectoria porém, iniciava-se sómente desde o tópo do mercado, passada a esquina da rua nova da Piedade.

D'ahi para baixo a estrada afastava-se sensivelmente da continuação da moderna rua, torcendo o largo do mercado e abraçando pela esquerda a cerca do mosteiro beneditino vindo sair á calçada da Estrella por detraz do actual palacio das Côrtes. N'uma vista inglesa do seculo xviii, que existe na esplendida coleção do sr. Visconde de Castilho, e que é das mais fiéis e seguras, lá aparece nitidamente desenhado o traçado inicial da estrada.

Do mercado para baixo, eram terrenos inclusos na cerca monacal e passados elles anichava-se o populoso bairro da Esperança e a rua da Flôr da Murta que hoje faz parte integrante da nova rua de S. Bento.

Os successivos aforamentos feitos pelos frades foram, a pouco e pouco, alterando a configuração e traçado dos arruamentos cuja evolução mal se pode hoje precisar.

Depois de 1755, os terrenos marginaes daquelle via de comunicação que eram povoados de oliveas e aproveitados para sementeira foram-se salpicando de casas que a breve espaço se ajuntaram e alinharam firmando, dia a dia, mais essa victoria da cidade sobre arrabalde.

O tão citado coronel Francisco Coelho de Figueiredo, nas notas ao teatro de seu irmão, diz-nos que *pelo terremoto foi, e as suas visinhanças, o refrigerio para onde foram a maior parte dos arruamentos e lojas de todo o commercio* (1).

Na sua linguagem por vezes arvezada mas sempre preciosa como repositório de informações interessantissimas refere-nos ainda, com respeito a S. Bento, que se contava então por *temeridade e grande robustez* o homem que do Rocio ia a pé ao Rato ou a esta rua, onde se chamava a *nova colonia* (2).

Este nome de *nova colonia* ou de *colonia do Rato* que de ambas as maneiras se menciona em documentos coevos, dá-nos a medida exata da affluencia de moradores ao local, há pouco ainda alpestre e deshabitado, depois do terremoto de 1.º de novembro.

O livro quinto dos avisos do Ministerio do Reino, que se referem ao anno de 1756, a paginas 192, insere copia de uma ordem mandando limpar a rua da *Colonia do Rato* por onde havia de passar a procissão do terço de Jesus. Mais adiante, a paginas 201 verso, ordena nova limpeza ás ruas nova de Jesus, dos Peaes, (sic), da *nova colonia* e dos Cardaes, para a passagem da procissão de Penitencia que ia da igreja de Nossa Senhora da Piedade das Chagas para a Patriarcal.

Como se vê por estes dois avisos, a hygiene da capital dependia, em grande parte, da passagem das procissões que, felizmente, não eram muito raras.

Algumas dezenas de annos depois, o aspecto do sitio tinha variado sensivelmente. Parte da cerca rasgara-se para continuação da rua da Flôr da Murta, que se veiu a ligar e confundir com a da *nova colonia*, e o commercio afluindo dava a esta arteria uma animação crescente.

Antes de 1790, já ahi se tinham estabelecido quatro livreiros (Mr. Bernadet, Francisco José Alvares, João Dias e Manuel de Mattos) afora outro que se alojara na portaria do mosteiro, em 1785. Lojas de mercadores, de calçado, de quinzeiros e de capelistas abriam-se todos os mezes á medida que os lisboetas se iam adaptando ao novo bairro e a encosta da Estrella se povoava de casaria.

A *nova colonia* progredia a olhos vistos e prometia talvez um futuro mais prospero do que naturalmente teve. Ha muitos annos que se conserva quasi estacionaria depois de ter perdido,

não sei porque motivo, grande parte da primitiva animação.

A moderna rua formou-se da junção de tres arterias que se enfileiravam da Esperança ao Rato: a rua da Flôr da Murta que ia até ao arco; a de S. Beto, propriamente dita, até ao cruzamento da rua do arco de S. Mamede; e a calçada do Rato, que ia desde este ponto até encostar com a actual rua do Sol.

Não querendo passar além do circuito em que cingi o campo destas investigações, vou simplesmente tratar da parte do arruamento para cá do arco de São Bento, deixando para outra ocasião o estudo da rua da Flôr da Murta em que só o palacio que lhe deu o nome oferece margem a capitulo especial.

(Continúa)

G. DE MATOS SEQUEIRA.



NECROLOGIA

General Francisco Maria da Cunha

Com pouco mais de setenta e cinco annos de idade, faleceu em 13 do corrente, um dos mais illustres officiaes generaes do exercito portuguez, general Francisco Maria da Cunha, depois de ter prestado ao país seus bons serviços no desempenho de elevados cargos publicos, como é bem notorio e se menciona nas seguintes notas biographicas:

Nasceu a 22 de dezembro de 1832, em Angra do Heroismo, naquelle berço da liberdade, acaso embalado ao troar dos canhões, na guerra fratricida que ao tempo ali se feria, entre absolutistas e liberaes, que viriam sentar no trono de Portugal a filha do rei soldado, ao deixar no Brazil a corôa imperial.

Filho do general de divisão Francisco Jacques da Cunha e de D. Maria Candida da Cunha; neto paterno de Francisco José da Cunha e D. Luiza Teodora da Cunha; materno de Bernardo Andreico da Franca e Horta e de D. Delfina Candida da Franca e Horta, fez seus primeiros estudos no Colegio Militar, onde os concluiu em 24 de julho de 1848, e no mesmo dia sentou praça em infantaria 10.

Frequentou depois a Escola Politecnica e a do Exercito, com destino á arma de artilharia.

Em 1860, já no posto de capitão, serviu nos regimentos de artilharia n.º 1 e 2 e foi ajudante de campo do ministro da guerra Fontes Pereira de Mello e passou a sub chefe da 4.ª repartição do ministerio da guerra.

Em 1867, foi promovido a major, sem prejuizo de antiguidade, por ter sido nomeado comandante do batalhão de Macau, acumulando este comando com o cargo de diretor das obras publicas daquelle provincia. Serviu depois, no mesmo posto, no regimento de artilharia n.º 3, e em 1875 passou a chefe da 2.ª repartição da Direcção Geral de Artilharia, e chefe da 3.ª repartição da secretaria da Guerra em 1876.

Promovido a tenente-coronel em 15 de novembro de 1877 e a coronel em 6 de junho de 1878, por ter sido nomeado governador geral da provincia de Moçambique, nesta comissão se conservou até 16 de fevereiro de 1880, em que regressou ao reino.

De 1883 a 1891 desempenhou o alto cargo de diretor do Colegio Militar, deixando esta comissão para assumir a de governador geral da India, regressando á metropole em 1892.

Nesse anno é nomeado governador da praça de Monsanto, e passa em 9 de fevereiro de 1893 a comandante geral de artilharia, tendo já o posto de general de brigada desde 5 de fevereiro de 1890.

Promovido a general de divisão em 10 de janeiro de 1895 é nomeado em seguida comandante da Escola do Exercito.

No anno seguinte é investido no comando da 1.ª divisão militar, logar que deixou pelo de ministro da guerra, para que foi nomeado por decreto de 7 de fevereiro de 1897, e exonerado a seu pedido em agosto de 1898, voltando ao comando da Escola do Exercito.

Era já ajudante de campo honorario de El-Rei, quando em 1902 foi nomeado primeiro ajudante de campo e chefe da Casa Militar.

Nesse anno é tambem nomeado presidente do conselho superior de disciplina do Ultramar.

No meio destas importantes comissões, desem-

(1) Tomo XIV do *Theatro de Manuel de Figueiredo*.
(2) Foi o conde de Lippe quem acabou com a costumeira dos soldados dos Regimentos de Lisboa (Valle do Peireiro e Campo de Ourique) irem embarcar a Santos quando iam para a guarda do Paço.

Jayme Arthur da Costa Pinto

penha a alta missão de representar El-Rei de Portugal nos actos solennes da comemoração do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, seguindo para o Rio de Janeiro no cruzador *D. Carlos*.

A carta regia de 25 de maio de 1900 que lhe confiou esta missão, nomeou-o tambem enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto do Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, mas o precario estado de saude do illustre diplomata, obrigou-o a retirar-se ao reino em setembro daquelle anno.

Regressado a Lisboa, é logo incumbido de acôrdo com o commissario espanhol, de executar os trabalhos definitivos de demarcação da fronteira, vindo depois, em missão especial, a assinar a acta geral da dita demarcação, em 1 de dezembro de 1906.

Em 1 de abril de 1907 por comunicação do ministerio dos estrangeiros é nomeado presidente da comissão de limites entre Portugal e Espanha.

Presidente da comissão encarregada de estudar e propor a modificação que conviesse fazer na vigente organização militar do Ultramar, a qual foi dissolvida em 7 de fevereiro de 1907, sendo o general louvado pelo zelo e proficiencia que demonstrou no desempenho da mesma.

Muitas mais são ainda as comissões officiaes em que tomou parte e de que sempre se desempenhou com louvores, e cuja innumeração alongaria demasiadamente estas notas biographicas. O que fica mencionado é mais que sufficiente para avaliar os serviços que o illustre extinto prestou ao seu país, como poucos o terão feito tão assidua e honrosamente.

O Collegio Militar, onde iniciou seus estudos, deve muito á memoria do que foi seu diretor e lá o disse, o sr. Moraes Sarmiento, no discurso inaugural dos trabalhos escolares de 1898, em presença de El-Rei: «Nas obras e reformas já comprehendidas ha justo motivo para que este Collegio considere notavelmente aumentada a divida de gratidão em que já estava para com o venerando general de divisão, o sr. conselheiro Francisco Maria da Cunha...»

E' extremamente honrosa para a memoria do illustre general a carta que El-Rei D. Carlos lhe escreveu quando, pelo limite de idade, elle deixou o alto cargo de chefe da Casa Militar. Essa carta de que obsequiosamente nos foi cedida uma copia, resa assim:

«29-12-907 — Meu querido Cunha: — Soube hontem pelo Porto que infelizmente eras atingido pela reforma e que portanto tinhas de deixar de ser chefe da minha Casa Militar. Não quero que o decreto da tua exoneração seja publicado sem eu vir aqui agradecer-te de todo o coração, a lealdade, a firmeza e a dedicação infinitas com que tu sempre te houveste no desempenho do teu cargo. — Agradecendo-te ainda uma vez, crê-me sempre teu amigo verdadeiro e camarada. (a) *Carlos I, Rei.*»

O general Francisco Maria da Cunha, filiado no partido progressista, foi deputado eleito por Elvas em 1862, pelos Oliveiras em 1865, por Macau e Timor em 1869 e só por Macau em 1871 e 1872.

Nomeado par do reino em 1881, é elevado á presidencia desta Camara em 1899. Ultimamente era presidente da comissão de guerra da mesma Camara.

Era socio de grande numero de sociedades scientificas e outras do país e do estrangeiro, occupando a presidencia de algumas, como a da Sociedade de Geografia de Lisboa, a da Cruz Vermelha, etc., honrando-se todas muito em o contar como socio.

Grã-cruz e comendador das principaes ordens militares portuguezas e estrangeiras e condecorado com as medalhas de comportamento exemplar e bons serviços e a de ouro por serviços distintos no Ultramar, etc.

A vida do illustre general foi das mais prestantes á causa publica, e tambem por isso a sua morte muito sentida, concorrendo ao funeral tudo que de mais distinto e elevado se encontra em nossa sociedade, e em que se fez representar El-Rei, Rainhas e o sr. Infante D. Afonso.

Receba a illustre familia do extinto a expressão de nosso pesar.

Foi no dia 10 do corrente que morreu este homem bom, como se diria na idade media, e não sei como a penna me não cae dos dedos ao escrever da morte de Costa Pinto, que ainda não ha muito vira cheio de vida, com a sua natural bonhemia, acariciando as creanças confiadas á sua guarda, naquelle instituto de educação e ensino que se chama a Real Casa Pia de Lisboa, quando all estivemos de visita em junho do anno passado.

Depois não nos tornámos a avistar, por que elle foi para Canterets, onde costumava ir todos os annos, e quando ultimamente soubemos que se encontrava na sua casa de Lisboa, gravemente doente de uma lesão cardiaca, e ali fomos para o vêr, já não recebia ninguem, prohibido por seu medico.

Mau indicio era este, e tão mau que teve por desenlace a morte.

Pobre amigo!

Homem bom, dissémos, e quem o não sabe em todo o país e muito principalmnte em Lisboa, nesta grande aldeia em que todos se conhecem, como nas pequenas, e em que todas as reputações raro passam a limpo pela bôca dos seus habitan-



GENERAL CONSELHEIRO FRANCISCO MARIA DA CUNHA

tes, em ralhós de comadres e á boquinha pequena, de risinhos sardonicos, salpicando de baba para um lado e para o outro, por inveja ou por habito maldicente.

Pois bem; a Costa Pinto não havia maldicencia que chegasse. Sua estatura acima do vulgar, media-se pela grandesa do seu coração.

A independencia que desfrutava só era egualada pelos dotes de sua alma, e a resultante deste conjunto era aquella bondade natural, aquella bem querer, que vencía obstaculos, que multiplicava forças, e que não cançava, para ser útil e prestadio ao seu semelhante, desinteressadamente, só para remediar uma injustiça, onde a houvesse, para acudir a uma desgraça, onde ella occorresse, para auxiliar um empreendimento bom, e, sobre tudo, — homem do seu tempo — entusiasta por todos os progressos e innovações que pudessem engrandecer ou beneficiar o seu país, que elle amava como um verdadeiro patriota.

Patriota e humanitario devemos dizer, porque ao elevar-se na gerarquia social por seus merecimentos, a deputado da nação, poucos terão zelado melhor os interesses e direitos de seus eleitores, e comprehendido os deveres civicos que a patria impõe a seus filhos para cooperarem no bem da comunidade.

Nunca Costa Pinto se deixou arrastar exclusivamente pelos interesses partidarios da politica de officio. Sendo eleito deputado em diferentes legislaturas, por Almada, Mafra, Setubal e Lisboa, manteve sempre certa independencia, prevalecendo sobretudo o seu espirito patriótico, e seus sentimentos humanitarios. Não estará esquecido o que elle fez, como deputado pelo circulo de Almada, para beneficiar aquelle concelho, e, sobre todos os melhoramentos materiaes que lhe promoveu, avulta o seu rasgo humanitario, quando, em 1886 um violento incendio devorou as pubes choupanas dos pescadores da costa de Caparica, elle empenhou toda a sua influencia politica e todas as dedicacões de seu grande coração, para reconstruir as habitações daquelles desgraçados. Para tal fim organisou uma comissão presidida por El-Rei D. Luis e com a cooperação de alguns homens importantes do capital, sendo elle o primeiro a concorrer com a sua quota, interessando a imprensa de Lisboa na sua obra humanitaria, e por intermedio do *Correio da Europa*, de que era proprietario e diretor Pedro Correia, alcançou tambem donativos do Brasil.

Em poucos mezes, Costa Pinto, com a sua intelligente actividade e zelo, conseguiu construir alguns quarteirões de casas com que formou um bairro regular, em que mais de cem familias, que haviam perdido as suas choupanas, encontraram habitação comoda, e asseada, como não tinham.

Era vêr então Costa Pinto satisfeito com a sua obra, em que outro interesse mais não teve que satisfazer os impulsos de seu coração bom e generoso, simplesmente isto e mais nada!

Admira este desprendimento num politico, não é assim?

Pois teve-o Costa Pinto e é facil provar a afirmativa. A' distribuição das casas não presidiram ideias eleicoeiras de angariar votos. A distribuição fez-se segundo as indicações dos arraes, dos mestres e chefes de companhias de pescadores, que forneceram uma lista com os nomes dos mais pobres, e esses pobres nem sequer tinham voto.

Não o tinham de certo porque Costa Pinto não tornou a ser eleito por Almada, e os pescadores queriam-lhe como a um pae adorado.

Era sempre assim Costa Pinto, e por isso elle alcançou todos os fóros da consideração e respeito publicos, sabendo-se antecipadamente que onde entrasse Costa Pinto, sahiria a limpo, sem rodeios nem alcapões.

A sua influencia em Cascaes como presidente da camara foi notavel para aquelle concelho.

Todos sabem isto porque é do nosso tempo e todos assistiram á transformação da velha villa a respeito da qual nossos maiores diziam: «A Cascaes uma vez e nunca mais.»

Agora pôde dizer-se: «A Cascaes uma vez e muitas mais.» Este milagre deve-se á natural intelligencia, actividade e dedicacão de Costa Pinto, que fica proverbial como titulo de maior honra para a sua memoria.

Ha uns seis annos, Costa Pinto tomou conta da provedoria da Real Casa Pia de Lisboa, e este cargo, que para muitos seria de difficil desempenho, foi para elle motivo para afirmar de modo ainda mais frisante as suas qualidades de administrador inteligente dando grande impulso de progresso áquelle instituto de educação e ensino ministrado a perto de mil creanças.

Não cabe nos limites desta necrologia enumerar todos os melhoramentos que Costa Pinto realisou na Real Casa Pia de Lisboa. A paginas 138 do 30.º volume do OCCIDENTE, de 1908, escrevi alguma coisa a este respeito, sob o titulo *Uma visita á Real Casa Pia de Lisboa*, sendo escusado repetir aqui aos leitores o que ficou dito nesse artigo.

Por fim são bem conhecidos os serviços desinteressadamente prestados por Costa Pinto, por esse homem singularmente bom e que no bem fazer gastou a vida, abreviou até a existencia, elle que era tão forte de corpo, como de espirito.

Chefe de familia exemplar, teve para ella as maiores dedicacões, e ainda nos ultimos annos, tendo seu filho a estudar em Coimbra, para ali mudou sua residencia para de perto o acompanhar durante o curso de direito em que se formou ao fim de cinco annos.

E' claro que durante esse tempo Costa Pinto

vinha amiudadas vezes a Lisboa onde não descurava seus encargos, especialmente os da Casa Pia que lhes mereciam seus maiores disvelos.

Estes trabalhos mais do que a idade seguramente o cansaram. Jayme Arthur da Costa Pinto contava 63 annos, pois nascera em Lisboa a 27 de setembro de 1845.

Dotado de natural intelligencia, soube distinguir-se na sociedade portugueza e militando na politica com desinteresse e independencia mais se afeicou ao partido regenerador. Foi deputado e fez muitas vezes ouvir a sua voz no parlamento, andando impresso um discurso seu notavel, sobre os melhoramentos do porto de Lisboa. Esteve indigitado para par do reino, o que não chegou a realizar-se por mudança de situação politica. Se o fosse, era-o com toda a justiça.

Muito dedicado á familia real, foi encarregado de dirigir parte das festas publicas que se realisaram por occasião das visitas dos chefes das nações estrangeiras a Lisboa.

Tambem nisto deu provas da sua competencia, no gosto, zelo e limpeza com que se desempenhou.

Foi vice presidente de secção de excursões scientificas da Sociedade de Geografia de Lisboa, secretario da Companhia Real Promotora da Agricultura Portugueza, socio fundador e membro dos corpos gerentes da Associação Protetora das Creanças, etc., etc.

Repartiu a sua atividade e benemerencia por muitos cargos em que só tinha trabalho, e num, em que tambem



JAYME ARTHUR DA COSTA PINTO

mais se distinguiu, foi o de provedor do Asilo da Ajuda, que muito fica devendo á sua memoria.

Tinha varias distincções honorificas como a de moço fidalgo da casa real e algumas condecorações estrangeiras, mas superior a estas honras officias, tinha a estima geral dos seus concidadãos, que seria a mais grata para o seu grande coração.

A sua virtuosa viuva e a seu filho sr. dr. Frederico da Costa Pinto reteramos nossos sentidos pesames.

C. A.



PUBLICAÇÕES

Calendários Ilustrados — Todos os annos por este tempo recebemos grande quantidade de calendários illustrados, distribuidos por diversas empresas e estabelecimentos a seus clientes, como brindes de bom gosto e utilidade.

Na impossibilidade de a cada um dedicarmos noticia especial, mencionaremos os que mais se distinguem por sua belesa e novidade e são: Fabrica de Bolachas da Pampulha; A Nacional, companhia de seguros de vida; Farmacia Franco; Empresa das Aguas de Moura; A. V. H. Mascaró; Manuel Tavares & C.^a (Irmão); Livraria Ferreira, Limitada; E. da Cunha e Sá; R. J. Firmo & C.^a, Industria Nacional Mecanica de cartões, agendas e caixas, etc.

Gaspar Pinto Teixeira

ALFAIATE

Grande sortimento de fazendas inglezas e nacionaes

Rua Augusta, 245 e 247 — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dor

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.^o — LISBOA

PHOTOGRAPHIA FILLON

A mais antiga de Portugal



A. BOBONE

PINTOR PHOTOGRAPHO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS

Premiado em diversas exposições estrangeiras com o Gran Prix, 4 diplomas de honra, 8 medalha d'ouro e 2 de prata

Fazem-se retratos em todos os generos

Grande colleção de monumentos historicos, museus e academias do pais

79, RUA SERPA PINTO, 78 (Chiado, junto da Igreja dos Martyres), LISBOA

Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Ha capas para todos os annos

Preço da capa 800 réis, capa e encadernação 1\$200 réis

Casa Santos Camiseiro ≡ E. Santos & Freire

24, 25, Praça de D. Pedro (Rocio, lado occidental), 24, 25 = 20, 22, Rua do Principe, 20, 22

LISBOA

SECÇÃO DE CAMISARIA

- Camisaria** — Variado sortimento de camisas, camisolas, punhos, collares de todas as qualidades e feittos.
- Gravataria** — Ultimas novidades em gravatas, mantas, cache-nez, cache-col e lenços de seda.
- Luvaria** — Luvas de fabrico nacional e inglezas para senhoras, homens e creanças.
- Perfumaria** — Tudo o que ha de mais fino em extractos, essencias, sobonetes, etc.

Além d'estes artigos que constituem a especialidade d'esta casa encontra-se sempre o mais completo sortimento roupas brancas para homens e senhoras, para cama e mesa: meias, lenços, edredons, bengalas e chapéus de chuva, etc.

EXECUTAM-SE ENXOVAES

DEPOSITO DAS AFAMADAS RENDAS DE PENICHE

Secção especial de Comissões, Consignações, Representação e commercio de Conta Propria de Vinhos, Azeites, Conservas e mais generos similares

Todos os artigos são escolhidos dos de melhor fabricação e fornecidos pelos preços do custo accrescidos somente d'uma pequena commissão

Encarregam-se da collocação de fundos, recebimento de juros e dividendos e liquidação de quaesquer negocios commerciaes mediante modica commissão

VINHOS DE MESA: TINTO E BRANCO — PORTO, MADEIRA, COLLARES E AZEITES

DE PUREZA GARANTIDA E MARCAS ESPECIAES DA CASA

Esta secção está a cargo do socio Fernando Freire bastante conhecido no Rio de Janeiro onde esteve muitos annos